Guimarães, 5 de Janeiro de 1912

1.º ano—N.º 30

Director: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua Dr. Avelino Germano, 62—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranense
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Emprêsa de O LUSITANO

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação nêste concelho.

Um ano muito próspero e repleto de felicidades, é desejado aos seus colaboradores, assignantes e amigos pelo

Lusitano.

O ÓDIO AO CLERO

O presidente da república, a 20 de Dezembro passado, escreveu uma carta ao govêrno, em que lhe propunha «indultar os bispos e padres que os acompanharam nos seus protestos contra as medidas da república» e acabar com a ignominiosa carocha dos penitenciários políticos.

Essa carta, enlaivada duma mal disfarçada animosidade política, em algumas das suas alegações e arrazoados estava pedindo as severidades da crítica; os tempos, porêm, não correm favóneos para quem se atrevesse a aplicar-lhas. Portanto passemos adeante.

O govêrno respondeu à carta presidencial, que o indulto dos bispos e padres era inoportuno e ineficaz para a pacificação dos espíritos. Por isso não aquiesceu aos desejos manifestados pelo chefe da nação.

Esta discordância de vistas entre dois funcionários que, no caso vertente, era natural estivessem conformes, também pedia considerações muito interessantes que, por não fazerem ao meu caso, deixo no escuro.

O que se deduz claramente da resposta do govêrno é que a opinião republicana não aceitaria bem o indulto proposto.

Não pergunto agora se a opinião republicana está perfeitamente identificada com a opinião da nação, ou se são coisas diferentes, nem também se a indicada opinião republicana é unânime ou se está sensivelmente dividida. Tudo isso levar-me ia mais longe do que é meu intento por agora. O que é certo—e é êste o principal objecto das presentes considerações—é que os poderes públicos ainda não vêem com bons olhos ao clero, aindam o detestam como o embaraço mais dificultoso da república. E aqui está uma grande injustiça ou uma indescupável ilusão.

Se a república tem encontrado estorvos na sua marcha, não é o clero quem lhos tem levantado. Só uma má vontade manifesta ou um ódio sectário obscurecedor é que não deixa ver esta verdade, aliás bem patente.

Vamos aos factos.

Acusam o clero de se opôr ao decreto da separação, que consideram a lei típica da república.

Aqui está uma redonda falsidade. O clero, com vontade ou sem ela, tem cumprido êsse decreto, precisamente no que êle tem de mais duro e exacerbativo.

A pensão, que em si considerada era a única vantagem que êle oferecia, rejeitaram-na. E o govêrno que, atenta a penúria do tesouro, devia rejubilar com uma tal rejeição, considerou-a como um cartel de provocação. Pois não foi e o clero o demonstrou pelo seu procedimento ulterior.

Bispos e párocos foram desapossados (há um termo mais expressivo, mas a liberdade dos nossos tempos não o tolera) dos bens que legitimamente possuiam e não se revoltaram. Teem sido postos fora dos seus paços e residências por uns fúteis pretextos contra a letra expressa do mesmo decreto, e não fizeram protestos tumultuários.

Os arrolamentos, que são uma injúria ao direito de propriedade da Igreja, teem corrido pacíficamente. E se numa ou noutra freguesia houve algum tumulto, foi devido ao povo ofendido nas suas crenças e nos seus direitos. Não foi o pároco quem o excitou.

Bispos e párocos teem sido desterrados arbitràriamente, sem processo, contra a expressa determinação da Constituição que abertamente diz: «Ninguêm será sentenciado senão pela autoridade competente».

Poderão dizer que o decreto da separação autoriza o destêrro por um simples mandado ministerial. Não vale essa alegação. De duas uma: ou o referido texto da Constituição é justo ou não. No primeiro caso deve ser aplicado a todos; não há, nem pode haver, razão alguma para privar o clero dessa garantia. E, se não é justo, então foi um disparate intrometê-lo na lei fundamental.

Foi proibido o uso de hábito talar fora dos templos e o clero tem-se conformado com essa proibição.

As procissões, os préstitos fúnebres e outras manifestações religiosas teem sido proibidas para comprazer com algum impiote que as não quer consentir; e o clero sujeita-se muito calado.

O clero até tem cumprido essa indecente, perfida e cobarde disposição do código do registo civil, que o obriga a ser fiscal do mesmo registo.

Contudo o clero, com ser a classe mais benemerente da sociedade, não se livrou de ser tratado pela república com uma crueldade e uma injustiça que todos os espíritos sensatos condenam.

Nenhuma outra classe foi tratada assim, nem ainda aquelas que, pelo seu devorismo ou pela sua indisciplina, tanto teem contribuido para a nossa decadência.

Pois, apezar de tantos despresos, de tantas afrontas, de tantas injúrias, a classe eclesiástica não se tem revoltado, nem tem promovido tumultos, sedições ou outras perturbações. O seu único crime, se crime se pudesse chamar, é criticar, no uso do seu incontestável direito de cidadão, as leis da república no sentido bem transparente de as melhorar. Essa crítica, porêm, é feita à boca pequena, particularmente, sem espalhafato.

¿E será por isto que os poderes públicos odeiam o clero? Se é, dão uma pobre ideia da sua mentalidade.

¿Querem talvez arrogar-se o dom da infalibilidade, êles, que teem feito leis tam defeituosas que dentro em poucos meses se viram na necessidade de modificar?

¿O direito de livre crítica, tam apregoado por todos os liberais, será uma ficção dentro do novo regímen? Se é, tenham a coragem de o declarar sem tergiversações, para sabermos em que lei vivemos.

Os padres entraram na conspiração, dizem os senhores da governança. Sim, entraram alguns, relativamente poucos. Mas, note-se bem: não foram êles que a iniciaram, nem que a dirigiram, nem que ocorreram às suas despesas. Mais: entraram na conspiração principalmente aqueles padres a quem as autoridades tinham enchido de vexames, a quem tinham perseguido quási sempre por acinte; aqueles padres que, se não conseguissem emigrar, estariam hoje apodrecendo sob os ferros da república.

Não houve classe nenhuma a que o novo regímen irrogasse tantas injúrias como ao clero; ¿e, contudo, que proporção há entre os padres que entraram na conspiração, e os militares, empregados públicos, capitalistas, comerciantes, etc., que nela tomaram parte?

Já veem os republicanos que o facto de alguns padres entrarem na conspiração não justifica, de modo algum, êsse ódio feroz que votam ao clero. ¿¡Queriam talvez os governantes que os padres, posto que feridos vivamente na sua crença, odiados e perseguidos, como bandidos, pela república, sem a mais leve razão, se esquecessem longanimamente das injúrias recebidas e se associassem aos propagandistas refeces que teem percorrido o país, fazendo, como papagaios, o elogio das novas instituições?! Não, isso não pode ser. Um tal procedimento seria a maior das baixezas.

O clero não pode simpatizar com a república, orientada como tem sido; mas acomodem-se a ela as outras classes e da parte dêle não sofrerá embaraços na sua marcha.

O que é certo, é que, à face dos factos, os podêres públicos não teem a mínima razão para o ódio especial que manifestam ao padre. A causa, porêm, está noutra parte. As autoridades republicanas obedecem a um poder mais alto. Por detrás delas está a seita, que é quem tudo manda e que sempre foi e será perpétuamente inconciliável com o clero católico.

P. A.

ESPERANDO SEMPRE!

O pobre Zé pagante continua à espera das delícias que adviriam com a proclamação da república.

Há dois anos que ela é um facto, e, por mal dos seus pecados, ainda não recebeu o tam prometido *maná celestial* que viria aliviá-lo das suas desditas.

Pobre Zé; e tu a consenti-

res que êsses *messias*, êsses *benfeitores* da humanidade continuem a reger os destinos desta malograda Pátria, que administrem os teus dinheiros, que te enxovalhem, que lancem para o fundo duma masmora os teus filhos, os teus irmãos, sem um gesto de revolta, sem um queixume!

E's muito paciente! Vês-te sobrecarregado com uns elevados impostos e ainda não despertaste do profundo letargo em que tens estado.

Levanta-te e brada energicamente:—para trás! basta de desmandos, finalize-se com esta série ininterrupta de embustes! se não tendes competência para bem administrardes o país, outros venham que mais provas nos possam dar da sua competência e seriedade.

Estamos fartos de aleivosas promessas; querem-se obras; venham essas obras e então diremos: foi a república que nos proporcionou um bem estar, cumprindo o seu programa—.

Mas, apesar de decorridos dois anos, após a proclamação da república, *depois de ter raiado* a tal *almejada aurora redentora da manhã de 5 de Outubro*, continua tudo muito pior que no tempo da ominosa.

Achando que pagas pouco para desperdícios, querem aumentar-te as contribuições.

E continuas esperando!

¿Já não te recordas de que êsses homens, que hoje imperam no nosso país, proclamaram bem alto, quando tratavam de conseguir adeptos para a sua causa, que a república nos traria uma nova época de esplendor e riquesa, que tudo seria paz e amor, que haveria liberdade em descomunal abundância, que só flores choveriam, que jámais haveriam lágrimas e que até hoje só tem feito o contrário de tudo o que prometeram levando-nos à humilhante e ridícula condição de apanhador de ratos?

Corre-me com êsses histriões que só procuram elevar-se rebaixando-nos, que não teem tido o mínimo respeito pelas nossas crenças e que teem brincado connosco como uma creança com um manequim.

A liberdade prometida, vais passá-la nas prisões dos fortes ou nas celas da penitenciária que, para vergonha nossa, ainda existe!

O que fostes e o que és!

Outrora, que tudo eram represálias, permitia-se que existissem jornais que exprobrassem, em termos bem ásperos, os actos governamentais; hoje, que se gosa a mais ampla e excepcional liberdade, não permitiram que no Pôrto ressurgisse um diário católico.

Espera, Zé, que ainda verás muito mais! Isto caminha vagarosamente e, até chegar ao seu *terminus*, fornercer-nos hão vistosas, deslumbrantes e únicas ocasiões de podermos apreciar a que ponto chega o cumprimento das promessas feitas pelos grandes vultos do partido republicano.

Até lá não te fartarás, talvez, de gozar a tam apregoada *liberdade, igualdade e fraternidade* nalguma imunda enxovia.

O depósito de máquinas de costura, na ourivesaria de Fernandes & Cruz, deve ser preferido por que é o que melhores modelos tem e o que mais barato vende, tanto a dinheiro como a prestações.

DEFESA NACIONAL

Teem sido edificantes as missões de propaganda em prol da Defesa Nacional, em virtude dos elementos estranhos à comissão que nelas teem tomado parte.

Em face do que se tem passado vimo-nos na necessidade de criar um serviço de reportágem para tomar as devidas notas do que se passa, porque as dos outros jornais são, por vezes, deficientes.

Assim, no domingo passado lá abalou o nosso reporter para S. Martinho do Conde, a assistir à missão que lá se realizou.

O *Trapo* das quintas-feiras trouxe o relato do que se passou, mas não vem completo; por isso vamos copiar algumas notas dele e adicionar-lhe as colhidas pelo nosso reporter.

Diz o *Trapo*:

«Ditas algumas palavras de apresentação pela presidência, fala em primeiro lugar o ilustre oficial de infantaria 20 sr. Tenente Duarte Fraga. Exalta e faz a apologia do amor da Pátria, desenvolvendo seguidamente o que é a Defesa Nacional, quais os seus intuitos e o que urge fazer para a levar à prática. O seu discurso foi proferido com grande entusiasmo e em linguagem elegante, mas acessível. Foi muito aplaudido.

Tem depois a palavra o director dêste semanário, falando durante uma hora sôbre a República e as suas leis.

Encerra, por fim, o comício o presidente da mesa agradecendo ao povo a atenção com que escutou os oradores, erguendo um viva à República, que a assistência secundou.»

O nosso informador:

O discurso do sr. Tenente Duarte Fraga foi proferido em linguagem chã para ser compreendida por todos, tendo o orador algumas frases de grande efeito e verdade, como por exemplo, esta:

—A defesa é tam necessária à pátria como o sino à vossa freguesia.

O orador disse aqui uma grande verdade porque o sino de S. Martinho do Conde está rachado e a freguesia precisa de um sino novo.

O discurso final do sr. António Francisco Guimarães foi interessantíssimo.

O sr. Guimarães meteu os dedos polegares nas algibeiras do colete e, tocando piano no ventre com os restantes, disse:

—Meus senhores... (ó sr. fulano que hei-de dizer?

—(Olhe, dê um viva a República.)

—¡Meus senhores, viva a república!

*

O *Trapo*:

«Quiz o sr. António Francisco Guimarães, o organizador entusiasta desta, oferecer em sua casa um jantar, assentando à sua mesa, além dos oradores, os correligionários que os acompanharam. Muito penhorados pela forma primorosa e fidalga como o dono da casa a todos recebera, fizeram-se ao *champanhe* alguns brindes, onde, de passo que se saudava a Pátria e a República, se lhe testemunhou o melhor reconhecimento».

Do nosso reporter:

Depois do comício foi oferecido um jantar aos oradores, e demais pessoas, pelo sr. Guimarães, aquele brasileiro que já um dia oferecera outro em que alguns convidados tiveram de comer em cima da cama, e em que até a louça faltou, servindo-se letria em tijelas, mas desta vez não sucedeu assim e nada nele faltaria se se seguissem as regras da etiqueta.

Na hora dos brindes levanta-se um dos comensais e principia:

—Não venho aqui para comer o jantar ao sr. Guimarães, mas para cumprir um dever de amizade e defender a república...

—O dono da casa: Não senhor.

São estas as palavras sacramentais que profere sempre que entende que deve falar, tenham ou não cabimento.

O orador continúa o seu brinde, mas a certa altura fica entupido, pois o dono da casa retira da mesa, porque é chamado por um criado.

O orador:

—Em vista de o sr. Guimarães se retirar interrompo o meu brinde e continuarei quando êle voltar.

O sr. Guimarães voltou e o orador acabou o seu brinde.

Engraçado, não é verdade?

Mas o mais engraçado é o seguinte:

O sr. Guimarães, para se tornar agradável aos Manes Democráticos, apeou, com mais dois homens, umas *alminhas* que existiam em um local há mais de 200 anos, dizendo que os verdadeiros republicanos não devem ser católicos e, como na caixa das esmolas encontrasse 40 réis, guardou-os dizendo que as *alminhas* já estavam fartas de ganhar dinheiro.

E o grande homem, que dá jantares de gala, não se lembrou sequer de dar o pataco aos homens que o ajudaram na patriótica obra e meteu-o no bolso.

Conselho de amigo

Tu gostas, menino, de andar em Bicicleta?

Pede ao papá que te vá comprar já uma à **Loja do Benjamim**, ao Toural, que é a única casa que as tem, nesta cidade, da reputada e garantida marca **Derby** 1912. *Bicicletas desde 22$000 a 50$000 réis.*

Modos de Ver

Tal qual, exactamente como no tempo da *perversa, da ladra, da ominosa, da adeantadora e... traidora monarquia!* E' mesmo a realidade dos tempos pútridos da pôdre defunta.

In illo tempore os jornaes traziam-nos para aqui uns bocadinhos dêste teor.—«Esteve no paço, conferenciando com sua Majestade sôbre a crise política, o sr. conselheiro José Luciano. Acharam crítica a situação, sendo convidados para uma reunião o sr. Hintze Ribeiro e mais alguns conselheiros da coroa.»

Hoje, um ministério diz ao país que já fêz o que tinha a fazer, que fêz aquilo para que fôra chamado, isto é, que enterrou o capuz de lona infamante na cabeça de centenares de portugueses, tam portugueses como a Excelência que nos governa, que arremessou aos salões infectos de lôbregas masmorras da república outros tantos, e então, principiam os *desmarches* políticos: O sr. Presidente da república acaba de falar com o sr. Afonso Costa sôbre a viabilidade dum ministério, formado do partido de sua Excelencia.

Este nega-se a formar gabinete porque não tem as maiorias nas câmaras.

E' chamado à fala o chefe do partido evolucionista. Começa também por fazer o peixe muito caro; diz que há falta de gente, que não tem a maioria, mas que, se fôr preciso... ainda pode.

Seguem-se uns após outros nos seus conselhos ao sr. Presidente e a conclusão de todas as premissas dá um resultado fatal, no tempo da outra *senhora*, e já experimentadíssimo, no tempo desta. Já temos tido muito govêrno extra partidário e ainda nenhum satisfez o desgraçado país. Ainda querem que *desça* outro às cadeiras do poder!

Vivemos numa república tam originalmente feita que os seus homens dividem-se em grupos de tal modo que nenhum fica habilitado a reger, ou sequer, a poder governar por alguns meses. E, caso singular, trata-se de constituir ministério sem que o que nos governa tenha pedido demissão!

E' típico e não deixa de ter graça, mas como já temos estado em crise governamental quinze dias e mais, trata-se de cosinhar govêrno para quando êste entregar as pastas. Se não se arranjar fica êste até que advenha o sucessor. Homem prevenido vale por dois!

Parece incrível que não hajam capacidades apropriadas para nos governarem, quando aqui tantos impam avaras de mando! Temos por aqui óptimos mandões e de capacidade, de inteligência tam arreigada à liberdade que deviam produzir belas leis e esplêndidos decretos. Calculem que já cá temos, fardado de polícia para manter a ordem pública, aquele cidadão que, há dois anos, arremessou, por trezentos réis, algumas pedras à imagem do Senhor dos Passos, quando êste seguia na sua tradicional procissão. Se bem nos lembra foram presas e responderam algumas pessoas, porque nessa ocasião protestaram...

Já que me afastei do assunto não continúo e fico a ver que *manteiga* produz o Leite do sr. Duarte. Vamos a ver; mas, mal por mal, como estamos.

E.

Comprai os acessórios para bicicletas ou máquinas de costura na Ourivesaria de Fernandes & Cruz, que são quem vende mais barato.

Continua a bandalheira

Como foi anunciado em diversos jornais do país, devia reaparecer no dia 1 do corrente o nosso ilustre colega portuense *A Palavra*. Pois, apesar de o sr. governador civil ter autorizado a sua publicação, ela não saiu, porque ao seu administrador foi feita uma intimação, em que o art. 3.º da Constituição política da república foi pôsto, mais uma vez, em esfrangalhos.

Eis o assunto, tal como foi publicado em vários jornais de Lisboa e Pôrto:

«Tendo a Direcção da Emprêsa da «Palavra» deliberado publicar êste jornal, visto haverem cessado há muito os motivos que determinaram a sua suspensão, o sr. dr. Carneiro Mesquita, administrador do referido diário, procurou o sr. governador civil, a fim de lhe participar aquela resolução. O chefe do distrito, reconhecendo que a Emprêsa da «Palavra» *estava à sombra da lei*, respondeu que tomaria todas as precauções para que ela não sofresse qualquer violência.

A direcção do jornal, depois de garantir que esta seria um elemento de ordem e não de perturbação, tratou de organizar todos os serviços internos, a fim de que «A Palavra» pudesse saír no dia 1 de Janeiro. Hoje, porêm, um chefe de polícia, acompanhado de dois agentes, foi à redacção daquele diário, pedindo os nomes do administrador e do redactor principal.

Decorrido algum tempo, foi convidado a ir ao comissariado de polícia o sr. dr. Mesquita, onde após curto interrogatório lhe entregaram a seguinte contra-fé:

«Por mandado do ex.mo comissário da polícia civil, fica intimado o sr. Alberto Carneiro de Mesquita, morador na rua de Sá da Bandeira, na qualidade de administrador do jornal «A Palavra», de que, por motivo de ordem pública, é proibida a publicação e circulação do jornal «A Palavra», o que o intimado tomará em consideração, sob pena de procedimento legal quando assim o não cumpra.

Porto, 30 de Dezembro de 1912—O agente da polícia judiciária, *Alfredo de Oliveira Cardona*.»

Sempre a mesma bandalheira, ou a mesma bandalheira de sempre.

¿Em nome de que e sob que princípios se cometem e aplaudem estas arbitrariedades?

Neste país único, em que as leis são espesinhadas, a liberdade de funil e a *fraternidade* uma palavra ôca ou só para uso particular dos felizes, oprime-se a imprensa, chegando-se ao desaforo de impedir, *em nome da ordem publica*! (que descoco) a publicação dum jornal!

Onde irá isto parar?...

Pela nossa parte protestamos contra o facto que representa um desacato, não só à lei, mas ainda aos direitos e garantias individuais.

Grandes corridas de bicicletas!

As Bicicletas **Derby** sempre **vencedoras!**

Nas corridas—*Guimarães—Fafe—Póvoa de Lanhoso—Taipas e Guimarães*, ganharam os 1.º e 2.º prémios!

Nas corridas de *Louzada—Penafiel—Paredes* ganharam os 7 primeiros premios.

Vendem-se em Guimarães—Toural, 105—**Loja do Benjamim.**

ESTRADA DE GONÇA

Este antigo sonho doirado da Associação Comercial desta cidade, e dêste bom povo que bem merece as atenções dos altos podêres do Estado, parece que alguma coisa ganhou com a entrada do nosso ilustre conterrâneo sr. dr. Alfredo Pimenta como chefe de gabinete do ministério do fomento.

Ainda há pouco êste nosso ami-

go conseguiu o subsídio de um conto de réis para a continuação dos trabalhos da Estrada de Gonça, e já s. ex.ª participa à direcção daquela colectividade que o sr. Ministro acaba de assinar uma portaria concedendo mais a quantia de 479$000 réis para o mesmo fim.

Como tudo que diga respeito ao progresso e engrandecimento de Guimarães tem da nossa parte o mais lisonjeiro acolhimento, não temos dúvida em apresentar os nossos louvores aos dignos filhos desta terra que se lembram das suas mais urgentes necessidades, estando agora nesse caso o sr. dr. Alfredo Pimenta.

Eis os telegramas que foram trocados entre o sr. dr. Alfredo Pimenta e o sr. presidente da Associação Comercial:

Presidente Associação Comercial—Guimarães

Sua Ex.ª o Ministro acaba assinar portaria concedendo quatro centos e setenta e nove mil réis estrada Gonça.

Alfredo Pimenta,
Chefe gabinete.

*

Ex.mo Dr. Alfredo Pimenta

Dig.mo Chefe Gabinete Ministério Fomento
Lisbôa

Associação Comercial Guimarães agradece penhoradissima grata noticia telegráfica V. Ex.ª comunicando-lhe ter Sua Ex.ª o Ministro assinado portaria concedendo novo subsidio obras estrada Gonça.

Pedimos a V. Ex.ª agradeça Ex.mo Ministro em nome desta associação.

Para V. Ex.ª, dedicado filho desta terra, as homenágens dos seus consócios.

O Presidente,

José de Freitas Costa Soares.

Todos devem possuir um despertador, e na ourivesaria Fernandes & Cruz vendem-se, da optima marca Baby, a 600 réis.

Regimen de excepção

Sob êste título, publica o nosso presado colega o «Grito do Povo», o seguinte:

> Em Braga a autoridade proibiu que as novenas ao Menino Deus se efectuassem de madrugada, alegando que a lei de separação não permite o culto de noite. Pois na mesma cidade, sem que isso ofenda os melindres, o zêlo e os escrupulos da mesma autoridade, os protestantes efectuam actos de culto de noite, com cânticos e orações conforme o rito da seita!!

¡¿Então nós estamos em regímen de igualdade ou a palavra igualdade é um acepipe de que só se podem servir os srs. hostilizadores do culto católico?!

¿Não nos dirá a autoridade da vizinha cidade de Braga, se já foi implantada em Portugal a república para todos os portuguêses ou se a que por cá existe foi feita só para certa e determinada facção?

São curiosidades nossas que muito desejariamos ver satisfeitas.

Coisas tam belas dão a impressão de que não estamos em Portugal, mas no país... dos cafres.

Esperemos; poderá ser que a república para portuguêses ainda não chegasse.

Olhe, senhora autoridade: muita coerência e nada de excepções.

O Benjamim liquida nesta ocasião:

Lenços de seda grandes, a 1$000 réis. Chales finos escoceses a 1$800 e 2$000 réis. Kimonos-blusas a 300 e 400. Chitas a 100 e 80 réis. Guarda-sois com canas de ferro a 650 e 700 réis!!

Carta de Lisboa

Por Rolando Perfeito

31—XII—1912.

Foi ali em baixo, meus amigos, no Coliseu da rua da Palma, domingo à noitinha, que eu assisti, numa destas comoções que sacodem, dominam e electrizam todo o nosso ser, a uma das mais belas e grandiosas manifestações que tenho visto. Eu supunha que só o Norte era capaz destas apoteoses admiráveis, dêstes entusiasmos empolgantes, desta loucura, desta febre, deste delírio, desta maravilhosa tempestade de aplausos e ovações, consagrando, na eloqùentíssima expressão do seu prestígio e da sua fôrça, como uma afirmação bem leal e bem decisiva, como um estímulo bem poderoso e bem ardente, num banquete duma imponência surpreendente e única, a personalidade ilustre de António José de Almeida e a sua política de princípios, assentando numa base moral bem sólida e em que a paz, o amor, a confraternidade e o perdão se conjugam na realização dum nobre objectivo que é primeiro a salvação da pátria, depois a da república. Sim! porque aquilo foi belo, foi grandiosamente belo aquele espectáculo de muitos milhares de pessoas vibrando em unisono naquela homenagem que parecia não ter fim, naquele clamor imenso que parecia vir dum mar revolto, ardendo nas labaredas dum entusiasmo que vinha bem do íntimo, que vinha bem da alma, que vinha bem do coração.

Era encantador o aspecto do vasto e elegante recinto. Não havia um único lugar devoluto.

As senhoras, estas lindas mulheres de Lisboa que parecem deusas do Eldorado com o encanto luminoso dos seus olhos, tam belos êles são, e com as suas luxuosas toiletes, cheias de graça e de mimo, também quizeram vir a esta festa, para assistir ao grande acto de solidariedade que ele significava. E, assim, sacrificando os seus gostos do teatro onde os seus espíritos colhem as mais agradáveis impressões de alegria e divertimento e onde deveriam estar àquela hora se não fôsse êste motivo forte e simpático, elas apresentaram-se ali no Coliseu, cheias de flores e sorrisos, no parapeito dos camarotes, como o milhor ornamento da sala, para dar à festa a nota do seu encanto e do seu esplendor.

O aspecto das mezas, numa disposição que traduzia uma delicadeza de gosto muito requintada, o efeito das luzes, a cordialidade que reinava em toda a atmosfera, constituiam uns dêsses quadros extraordinários que só a eloquência mais expressiva e poderosa pode reproduzir na viveza do seu colorido e na minuciosidade dos seus detalhes.

Houve uma scena que me chocou tam intensamente que só a custo reprimi as lágrimas, eu, que não me lembro já há muito de ter sentido vontade de chorar. A sensação que experimentei era desconhecida para mim; foi a primeira vez que a senti na vida, assim tam forte, tam sugestiva, tam subjugante. Foi no momento em que um dos oradores, o dr. Júlio Martins que proferiu um discurso brilhantíssimo, se referiu à marinha de guerra portuguêsa ali representada pela banda de marinheiros que executou, durante o banquete, deliciando os assistentes, trechos lindíssimos do seu selecto repertório.

Toda a assistência, como que electrizada, obedecendo ao mesmo impulso irresistível, irrompe numa colossal manifestação à marinha, agitando febrílmente lenços e guardanapos que davam um efeito magnífico.

Não houve uma única nota desagradavel. A assistência portou-se lindamente até final.

A ordem suplantou ainda o entusiasmo. Via-se bem que todas as pessoas que ali se encontravam eram de bom senso e boa educação. O dr. António José de Almeida estava profundamente impressionado. Foi uma das horas mais felizes da sua vida.

Aquela fôrça enorme e bem verdadeira de que se viu rodeado no domingo a dizer-lhe, em brados do mais vivo entusiasmo, que persistisse no mesmo caminho sem desânimos nem temores, será no futuro uma couraça impenetrável de encontro à qual se aniquilarão todas as calúnias e enxovalhos com que pretendem desmoralizá-lo a matilha demagógica que por êle tem o maior ódio e o maior terror. Porque êle seja um histrião, um traidor, um desorientado? Não, porque está dentro da lógica. Tudo isso é porque êle representa um valor e uma fôrça que está criando profundas raizes na consciência nacional; uma fôrça e um valor que na sua decadência, na sua desmoralisação, na sua cegueira, na sua baixeza e no seu desatino, cada vez mais crescentes, a demagogia do meu país nunca conseguirá suprimir ou vencer, encontrando sempre na sua frente êsse obstáculo invulnerável, que a impedirá de dar expansão nos altos círculos governativos aos ordinários sentimentos que a move no sentido de subjugar todos aqueles que não comunguem na sua tenebrosa política.

O discurso do dr. António José de Almeida foi dos mais eloqùentes e mais sensatos que lhe tenho ouvido. A síntese do seu programa político resume-se na integração da pátria portuguêsa na república portuguêsa. E' muito complexo e significativo. Todos os assistentes concordaram com a sua brilhantíssima exposição e maneira de encarar o problema político, social e religioso da actual situação, dispensando-lhe muitos aplausos. Eu saí de lá convencido de que só o dr. António José de Almeida conseguirá salvar a Pátria e a República.

¡Oxalá que nunca me arrependa de assim o ter julgado!

N. da R. — Aí fica a opinião do nosso estimado colaborador. Nós, porêm, ficamos na espectativa. Já o dissemos e hoje o repetimos: Somos jornais que não teem hostilizado a política evolucionista, antes a temos elogiado quando disso é merecedora, e nenhuma dúvida temos em seguir êste caminho. Mas, dados os factos que nos sugeriram o artigo *Falência, cobardia ou traição* publicado no último número, temos de aguardar actos que se nos apresentem com um carácter mais franco, com uma sinceridade mais reconhecida, para depois fazermos com mais segurança o nosso juizo.

Até lá conservar-nos hemos na espectativa.

Descanço nas farmácias

Encontra-se aberta hoje, a farmácia Barbosa.

COMPANHIA DE SEGUROS
A POPULAR

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

FUNDADA EM 1902

Capital autorizado Rs. 500:000$000

Telefone n.º 2460 — Enderêço telegráfico: **LARPOPU**

Rua dos Bacalhoeiros, 125, 2.º

LISBOA

Correspondentes em Guimarães — **PIMENTA & C.ª**

Com estabelecimento de fazendas branças, miudezas, etc.

24, Rua de Paio Galvão, 28

ATENÇÃO!

Só na **Sapataria Académica** à Rua Dr. Avelino Germano, 36 (antiga Rua de S. Paio) é que se encontra o calçado mais bem acabado, e por preços que ninguêm ousa competir.

Garante-se a superior qualidade nos cabedais empregados nos calçados.

Trabalho, o mais perfeito, e preços muito mais económicos que em qualquer outra sapataria de Guimarães.

Uma encomenda pois, que será a prova mais cabal do quanto se afirma neste anúncio.

Quem perdeu?

Encontrou-se ha meses já, na Fotografia Machado, à Rua de S. Damaso, um objecto de ouro que será entregue a quem provar pertencer-lhe, pagando a despesa dêste anúncio.

Falar nesta redacção.

CAL

Leal, Simões & C.ª, Limitada, têem à venda a afamada Cal da Figueira pelo sistêma dos altos fornos. A única instalação no género, no país. Preços e condições dirigir aos proprietários, Figueira da Foz — Canitos.

Almanaque de A Fé Cristã

Para 1913

Dedicado às famílias católicas

À venda nas boas livrarias

Br hado... ... 150 réis.
Cartonado.. ... 200 réis.

Depósito em Guimarães: Tipografia Minerva Vimaranense.

O BENJAMIM, ao Toural 105, é correspondente das 7 importantes fábricas de Bicicletas das seguintes marcas: *Derby, Spring, Peugeot, Raleigh, Tagus, Sirius* e *Kirmer-Dura* que vende desde 22$000, 35$000, 40$000 e 50$000, postas nesta cidade sem mais despesas.

Análises de urinas, escarros,

pus, sangue, vinhos, vinagres, azeites, queijo e manteiga, etc

Laboratório de análises, junto á farmácia Dias Machado

GUIMARÃES

Se quereis adquirir uma boa e segura bicicleta, a dinheiro ou a prestações, ide à ourivesaria de Fernandes & Cruz, que as vende por preços baratíssimo.

AVISO IMPORTANTE

Benjamim de Matos, com estabelecimento de fazendas no Campo do Toural, 105, previne o público que não compre bicicletas sem primeiro examinar as máquinas das reputadas marcas como sejam:— **The Tagus — Spring — Kirmer Dura — Derby — Rateigh — Idial — Sirius,** *todas do* **modelo de 1912,** *de que é único correspondente no concelho de Guimarães, e que as vende postas nesta cidade pelos* **preços das fábricas,** *assim como todos os acessórios para as mesmas.*

Bicicletas novas, com todos os acessórios, desde 22$000 réis.

Luís Filipe Teixeira, executa com a máxima perfeição desenhos e monogramas para bordar, a preços baratíssimos.

A sua residência é na Sapataria Policarpo à rua da República, (antiga rua da Rainha).

A casa que mais sortido tem e que mais barato vende Bicicletas acessórios, fazendas, miudezas, modas, perfumarias, bordados a pêso, panos para enxovais, guarda-sóis, etc., é a LOJA DO BENJAMIM **—Toural, 105.**

Interêsses no Brasil

O **Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—**, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Pôrto, da Beneficência Portuguêsa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a direitos e interêsses de portuguêses no Brasil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papeis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral,—rua da Fábrica, 78.

Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

FUNILEIRO

Manuel Ferreira da Costa

Faz e concerta toda e qualquer peça de obra pertencente à sua arte, tanto em fôlha, como zinco ou cobre.

Também se fazem gazómetros para acetilene, pulverizadores, caixões de chumbo para funerais, banheiras de todos os tamanhos e feitios, encanações de agua ou gaz em tubo de chumbo ou galvanizado, assim como assentamento de retretes e suas pertenças. Tudo por prêços módicos.

Rua de Francisco Agra, 31, 33.
GUIMARÃES

TIP. MINERVA VIMARANENSE

Oficina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cêrca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia. ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. ✻ ✻ ✻ **Trabalhos perfeitos e rápidos.**

Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

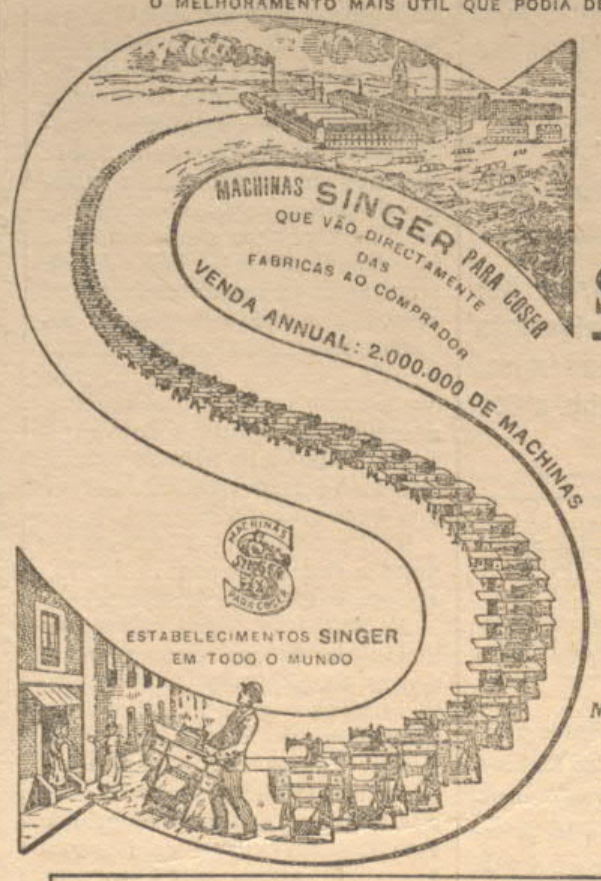
GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial prático. Alimentação abundante e bem cuidada. O resultado dos exames no presente ano lectivo foi de 50 APROVAÇÕES COM 3 DISTINÇÕES. Envia-se o programa a quem o pedir à direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, **médico**
Luís Gonzaga Pereira.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

Avenida Candido dos Reis—GUIMARÃES

O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adeantado)

Portugal, Ultramar e Espanha		
Sem estampilha	Ano ...	1$200 rs.
	Semestre .	600 „
Pelo correio ...	Ano ...	1$300 „
	Semestre .	650 „
Trimestre		400 „
Estados U. do Brazil (ano) ..		1$600 „
Países da União Postal „ ...		2$000 „
Número avulso...		30 „

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adeantado)

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetições, por linha.	20 „
Permanentes, contrato convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um	100 „

Anunciam-se as publicações que o merecam, mediante um exemplar gratis.
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra

(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranense

GUIMARÃES

O LUSITANO

I Ano — Publicação semanal de Guimarães — Num. 30

Ex.mo Sr.